

Geografia, paisagens e culturas: A dinâmica climática e cultural no desenvolvimento das sociedades do Andes Centrais, Peru

Geography, Landscapes, and Cultures: Climatic and Cultural Dynamics in the Development of Societies of the Central Andes, Peru

Eduardo Miranda Braga

UFVJM

<https://orcid.org/0009-0009-0863-7288>

eduardo.braga@ufvjm.edu.br

Marcelo Fagundes

UFVJM

<https://orcid.org/0000-0002-7268-9375>

marcelo.fagundes@ufvjm.edu.br

Resumo

Este artigo analisa o desenvolvimento das sociedades antes da invasão europeia na costa norte do Peru, explorando a relação entre diversidade geográfica, dinâmica climática e processos culturais. Por meio de uma abordagem interdisciplinar entre geografia, arqueologia e antropologia, investigamos como fatores ambientais e eventos climáticos influenciaram a adaptação e resiliência dessas sociedades. O método baseou-se em uma revisão bibliográfica e na análise da cultura material arqueológica, com os resultados evidenciando que diferentes ambientes, do litoral árido às altas montanhas andinas sempre nevadas, moldaram estratégias específicas de resiliência, de tecnologias e de formas de organização social. A transição cultural dos grupos *Gallinazo* para os *Moche* foi especialmente analisada, demonstrando uma mudança gradual impulsionada por inovações tecnológicas, controle de recursos hídricos e novas estruturas de poder. Concluímos que a sociedade *Moche* emergiu como resultado de processos cumulativos de interação cultural e ambiental, representando continuidade histórica em tecnologias e cosmovisão andina, ao mesmo tempo em que estabeleceu uma nova dinâmica sociopolítica e identitária na região.

Palavras-chave: Sociedades Andinas; Costa Norte; Peru; Geografia; Paisagem; Moche.

Abstract

This article analyzes the development of European invasion on the northern coast of Peru, exploring the relationship between geographic diversity, climate dynamics, and cultural processes. Using an interdisciplinary approach that combines geography, archaeology, and anthropology, we investigate how environmental factors, and climatic events influenced the adaptation and resilience of these societies. The methodology was based on a literature review and the analysis of archaeological material culture, with the results showing that different environments, from the arid coast to the high, snow-covered Andean mountains, shaped specific resilience strategies, technologies, and forms of social organization. The cultural transition from the *Gallinazo* to the *Moche* groups was particularly analyzed, demonstrating a gradual change driven by technological innovations,

control of water resources, and new power structures. We conclude that Moche society emerged as a result of cumulative processes of cultural and environmental interaction, representing historical continuity in Andean technologies and worldviews, while establishing new sociopolitical and identity dynamics in the region.

Keywords: Andean Societies; North Coast; Perú; Geography; Landscape; Moche.

1. Introdução

Este artigo aborda a origem e o povoamento da costa norte do Peru através da relação entre a diversidade geográfica andina e o desenvolvimento de sociedades pré-hispânicas. Partindo de uma análise interdisciplinar, que integra geografia, arqueologia e antropologia, destacamos como fatores como a Cordilheira dos Andes, a corrente fria de Humboldt e os ENSO's moldaram ecossistemas únicos e impactaram padrões de ocupação humana desde o Pleistoceno Final. A classificação das oito zonas naturais propostas estabelecidas por Javier Pulgar Vidal (2014) nos serve como eixo para compreender a adaptação desses grupos humanos a ambientes diversos e interconectados que vão desde os desertos litorâneos até as altas *jancas*, eternamente nevadas, através de processos de domesticação de plantas e animais, sedentarização e emergência de tecnologias como a construção em adobe, a cerâmica e a irrigação.

O artigo centra-se, ainda, na relação entre geografia e cultura através das evidências arqueológicas apresentadas e os conceitos de paisagem, cosmovisão e resiliência, dentre outros. Discutimos a capacidade de adaptação dessas populações frente às variações climáticas e geográficas e a capacidade para interpretarem e ressignificaram a paisagem, que entendemos como uma construção de múltiplas camadas integrando elementos naturais, práticas sociais e significados simbólicos (Arcuri, 2019; Fagundes et al., 2020). Assim, não apenas reconstituímos trajetórias históricas, mas também debatemos sobre a cosmovisão andina, que atribui sacralidade a montanhas (*Apus*) e *huacas* (centros ceremoniais), orienta rituais, hierarquias políticas e a relação com ciclos climáticos, transformando, assim, o ambiente físico em paisagem.

Por fim, debatemos sobre a transição cultural entre as sociedades Gallinazo e Moche, ocorrida entre os séculos II a.C. e II d.C., ao analisar como inovações tecnológicas, controle de recursos hídricos e estratificação social permitiram o florescimento de uma das primeiras sociedades complexas dos Andes Centrais.

2. O Peru e sua geografia

O país hoje conhecido como Peru está localizado nos Andes Centrais, dentro da Zona Tropical Sul, e se caracteriza por possuir uma notável variedade de fisiografias e climas. Essa diversidade decorre, sobretudo, pela presença da Cordilheira dos Andes, que se estende por mais de 8.000 quilômetros ao longo da costa ocidental da América do Sul, configurando-se como o mais extenso sistema montanhoso do planeta. Sua relevância não se deve apenas à extensão longitudinal, mas também à pluralidade de climas, relevos e ecossistemas que abriga (Borsdorf e Stadel, 2015).

No lado ocidental, as correntes frias do Pacífico, em especial a corrente do Peru (ou de Humboldt), contribuem para a formação de desertos litorâneos, enquanto, no lado oriental, a presença da bacia amazônica e dos ventos carregados de umidade resulta em ecossistemas florestais ricos e diversificados. Assim, a Cordilheira dos Andes constitui uma região onde fatores de altitude, latitude e maritimidade interagem de forma intensa, influenciando profundamente animais, vegetais e a vida das populações que a habitam (Fagundes et al., 2020; Golte, 2015; Lumbreras, 2010).

Entre as populações originárias não existia um nome unificado para toda a cadeia montanhosa. Cada comunidade utilizava termos locais para se referir às montanhas (ou *Apus*) mais próximas, mostrando a intrincada relação entre ambiente e concepções culturais. Foi Pedro Sarmiento de Gamboa, cronista europeu, quem em 1572 introduziu a expressão “*cordillera de los andenes*”, interpretando essa fisiografia através dos terraços agrícolas construídos por pessoas e localizados nas regiões montanhosas. Posteriormente, o termo “*andenes*” foi abreviado para “*andes*” (Borsdorf e Stadel, 2015).

Já a primeira forma de sistematização das zonas naturais andinas, definidas como “(...) uma área contínua ou descontínua, na qual o maior número de fatores do ambiente natural são comuns ou semelhantes” (Vidal, 2014, p. 2)¹, remonta à obra de Pedro Cieza de León, “*Crónica del Perú*” (1550), como o primeiro registro escrito a identificar três grandes regiões naturais no Peru: costa, serra e montanhas (Chaca e Fernández, 2016). Essa visão inicial refletia o modo como os espanhóis procuravam encaixar o território recém-conquistado numa lógica geográfica conhecida (Vidal, 2014), replicando essa perspectiva nas terras conquistadas e deixando de lado as nuances climáticas, altitudinais e culturais já reconhecidas pelas populações locais.

Somente a partir do século XX que surgiram questionamentos mais profundos sobre a adequação dessa compartimentação entre “*Costa, Sierra y Montaña*” (Chaca e Fernández, 2016) que ignorava as

¹ (...) un área continua o discontinua, en la cual son comunes o similares el mayor número de factores del medio ambiente natural (Vidal, 2014, p. 2)

variações microclimáticas e a rica diversidade de pisos altitudinais, levantando dúvidas acerca da real extensão e dos critérios apropriados para delimitar as zonas naturais no ambiente andino. Desse modo, uma das classificações mais conhecidas para o território foi proposta por Javier Pulgar Vidal “*en la primera mitad del siglo XX*” (Chaca e Fernández, 2016). (Vidal, 2014) estabeleceu oito zonas distintas com base nos seguintes critérios:

- **Folclore:** essa dimensão cultural se manifesta nas narrativas orais, canções, danças e festividades que evidenciam a relação simbólica entre o povo andino e a geografia local, como nos termos “*aguacero de las Punas*” ou “*coca de la Yunga*”. No saber local, o território é dividido em Chala, Yunga, Quechua, Suni, Puna, Janca, Rupa-Rupa e Omagua, demonstrando como a tradição popular constrói a percepção regional e auxilia na identificação das particularidades de cada zona;
- **Toponímia:** o estudo dos nomes de lugares revela a forma com que os Antigos Peruanos observavam o meio ambiente. O fato de topônimos como “*Chala*” ou “*Yunga*” se repetirem em diferentes áreas, mas na mesma altitude ou sob condições geográficas semelhantes, mostra que a atribuição de nomes considerava tanto os aspectos naturais quanto os culturais;
- **Clima:** as regiões andinas se caracterizam por climas distintos com cada uma dessas zonas apresentando variações sazonais, reforçando a complexidade ambiental que se distancia da simples definição de “costa, serra e montanha”;
- **Flora:** foi considerado três tipos de áreas na análise das formações vegetais: A “área foco” corresponde ao local em que a espécie se apresenta em maior quantidade, Já na “área de dispersão”, aparecem poucos exemplares, com baixa capacidade reprodutiva, enquanto os “casos aberrantes” tratam de plantas introduzidas e mantidas por ação humana, que, em geral, não conseguem se reproduzir de forma natural. Assim, entre as diferentes altitudes e territórios percebe-se a variação na vegetação;
- **Fauna:** Embora disponham de meios de locomoção que lhes permitam deslocar-se, as espécies animais encontram certas limitações impostas pela oferta de alimento em cada área. Para identificar quais regiões são típicas de determinada espécie observa-se se ali se encontra o limite superior de sua distribuição, altitude ou condição mais elevada em que uma espécie ainda consegue sobreviver, ou o limite inferior, ponto mais baixo em que a espécie consegue existir;
- **Produtos limites:** são os cultivos que se desenvolvem até certa região, não ocorrendo acima dela. Devido à altitude e à aridez, ocorre uma diversidade vegetal que vai da chala às *punas*,

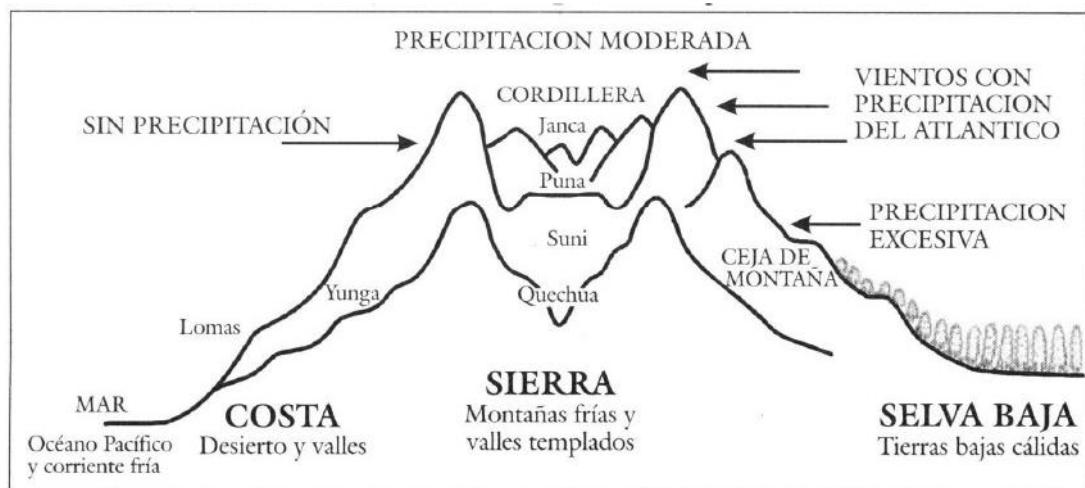
ficando a *janca* sem cultivo. O milho, por exemplo, cresce da *chala* até a *Quechua*, onde encontra seu limite superior.

- **A obra do ser humano:** a ação das pessoas no Peru é muito antiga e intensa, de modo que todas as regiões apresentam resultados de suas intervenções.

Com base nos estudos Vidal (2014), Chaca e Fernández (2016) delimitaram as oito zonas da seguinte maneira:

- **Chala (Costa):** 0 - 500 metros acima do nível do mar;
- **Yunga:** 500 - 2.500 metros acima do nível do mar;
- **Quechua:** 2.500 - 3.500 metros acima do nível do mar;
- **Suni:** 3.500 - 4.000 metros acima do nível do mar;
- **Puna:** 4.000 - 4.800 metros acima do nível do mar;
- **Janca (Cordilheira):** 4.800 - 6.768 metros acima do nível do mar;
- **Rupa-Rupa (lado oriental):** 400 - 1.000 metros acima do nível do mar;
- **Omagua (lado oriental):** 80 - 400 metros acima do nível do mar.

Figura 1. As oito regiões andinas



Fonte: <https://books.openedition.org/ifea/6117>

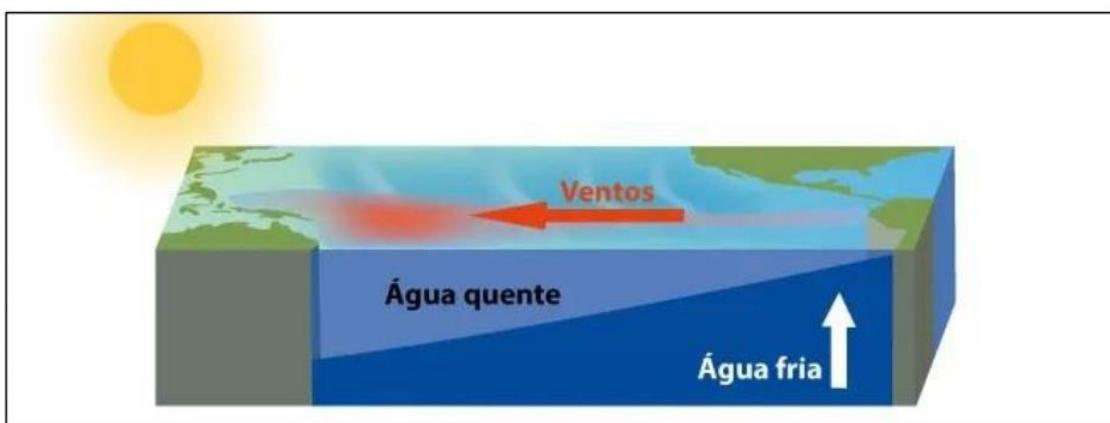
Vidal (2014) ainda salientou que

Cada região não se separa da outra de forma abrupta, pois a diversidade de áreas não se deve apenas à maior ou menor altitude, mas também depende da orientação do local, da sombra dos morros, dos ventos predominantes e da encosta, oeste ou leste, em que se situa. De tudo isso

se segue que entre uma zona e outra existe uma verdadeira interpenetração (Vidal, 2014, p. 11) [tradução nossa]².

Contudo, não apenas a Cordilheira influencia o clima; outros fatores como o fenômeno ENSO's (*El Niño* e *La Niña*) têm papel fundamental nesta variabilidade climática.

Figura 2. Clima normal



Fonte: https://www.professorinterativo.com.br/aval_on_line/01_TICs/TIC_24/04_el_nino_nina.htm

Segundo Penland *et al.* (2010), a dinâmica climática do Pacífico tropical está associada a fenômenos denominados Oscilação Sul-El Niño (ENSO's, em inglês). Esse sistema engloba três elementos principais: o *El Niño*, a *La Niña* e a Oscilação Sul (OS). O *El Niño* é caracterizado pelo aquecimento anômalo das águas superficiais no leste do Oceano Pacífico, decorrente do enfraquecimento dos ventos alísios. Por outro lado, a *La Niña* corresponde ao resfriamento anormal dessas mesmas águas, causado por ventos alísios mais intensos que o habitual. Já a Oscilação Sul refere-se às variações nos padrões de pressão ao nível do mar (PNM), medidas pelo Índice de Oscilação Sul (IOS) e calculado a partir da diferença de PNM entre Taiti, na Polinésia Francesa, e Darwin, no norte da Austrália. Durante o *El Niño*, o IOS apresenta valores negativos, enquanto na *La Niña* os valores são positivos, refletindo a interação entre esses fenômenos na definição das oscilações climáticas do ENSO.

² “Cada región no se separa de la otra en forma brusca, pues la diversidad de zonas no sólo se debe a la mayor o menor altitud, sino que depende también de la orientación del lugar, de la sombra de los cerros, de los vientos dominantes y de la vertiente, occidental u oriental, en que esté situada. De todo lo cual resulta que entre una zona y otra haya verdadera interpenetración (Vidal, 2014, p. 11)”

Figura 3. El Niño e La Niña

Fonte: https://www.professorinterativo.com.br/aval_on_line/01_TICs/TIC_24/04_el_nino_nina.htm

(...) na fase do *El Niño*, os ventos alísios enfraquecem e ocasionalmente invertem, fazendo com que as águas quentes migrem de volta através do Pacífico equatorial para o leste. O *El Niño* resulta num termoclinia mais profundo, na redução da PMN e na elevação do nível do mar ao longo das costas peruana e equatoriana, o que se combina para causar condições excepcionalmente húmidas no Pacífico oriental. Ao longo da costa norte do Peru e da costa sul do Equador, a fase *El Niño* resulta tanto na diminuição da ressurgência oceânica, que causa eventos de morte em massa entre a fauna marinha e próxima da costa, como em chuvas intensas (Caramanica et al., 2020, p. 2) [tradução nossa]³.

Já corrente de Humboldt é uma corrente marítima fria que se origina na Antártica e flui de sul para norte ao longo da costa do Chile exercendo influência significativa no clima, nos ecossistemas e nas sociedades da região. Também conhecida como corrente peruana, ela se estende desde a costa central do Chile até o norte do Peru (da cidade Piura até Tumbes), apresentando temperaturas que variam entre 13 e 14 graus no inverno e 15 a 17 graus no verão. Sua presença está diretamente ligada à formação de extensos desertos costeiros, como os do Atacama, no Chile, e do Peru, sendo um dos principais fatores responsáveis pela aridez extrema nessas áreas (Chaca e Fernández, 2016; Lumbreiras, 2010; Rundel et al., 1991).

³ “(...) the El Niño phase, trade winds weaken and occasionally reverse, causing warm waters to migrate back across the equatorial Pacific to the east. El Niño results in a deeper thermocline, lowered SLP, and elevated the sea level along the Peruvian and Ecuadorian coasts, which combine to cause un-usually wet conditions in the eastern Pacific. Along the north coast of Peru and the southern coast of Ecuador, the El Niño phase results both in diminished oceanic upwelling, which causes” (Caramanica et al., 2020, p.2)

Ao transportar as águas frias provenientes do sul, a corrente de Humboldt gera uma inversão térmica na faixa costeira: o ar mais frio que se acumula próximo à superfície é sobreposto por uma camada de ar mais quente acima, dificultando a formação de nuvens de chuva. Esse fenômeno dá origem a um clima seco e árido ao longo do litoral, onde a precipitação é escassa (Rundel *et al.*, 1991).

Por isso, os Andes tropicais, no seu conjunto, apresentam uma costa desértica que se torna muito mais drástica e extensa no sul, onde a largura e a altura das montanhas contribuem para uma desertificação que, por outro lado, é geral a esse cinturão da crosta terrestre, como ocorre na Namíbia ou no Kalahari na África, na Austrália central, nos desertos do norte do México e do sul dos EUA, no Saara, na Arábia ou na Índia (Lumbreiras, 2010, p. 36) [tradução nossa]⁴.

Ao mesmo tempo, a corrente fria favorece uma abundância de nutrientes no mar, possibilitando a manutenção de diversos recursos pesqueiros e um ambiente propício para espécies marinhas como golfinhos, moluscos, lobos marinhos e peixes como anchoveta, corvina, linguado, peixe-rei, bonito, carapau e grande quantidade de fitoplâncton (Chaca e Fernández, 2016).

Entendemos que a interação entre a corrente de Humboldt e o fenômeno El Niño-Oscilação Sul (ENSO) está relacionada à dinâmica climática e ecológica do Peru. Em condições normais, a corrente de Humboldt, com suas águas frias e ricas em nutrientes provenientes da Antártica, regula o clima árido da costa peruana e chilena sustentando uma grande biodiversidade marinha. No entanto, durante eventos de *El Niño* – fase quente do ENSO –, esse equilíbrio é alterado.

As temperaturas da superfície do mar aumentam consideravelmente, em alguns casos chegando a ficar de 7 a 12 graus Celsius acima do normal (Caramanica *et al.*, 2020, p. 8), alterando a dinâmica climática e fazendo com que as precipitações se intensifiquem na região costeira, o que provoca chuvas e, muitas vezes, inundações em áreas tradicionalmente áridas (Caramanica *et al.*, 2020; Lumbreiras, 2010; Rundel *et al.*, 1991).

⁴ “Por esta causa, los Andes tropicales, en su conjunto, tienen una costa desértica que se hace mucho más drástica y extensa en el sur, donde el ancho y altura de las montañas contribuyen a una desertificación que, de otro lado, es general a esa faja de la corteza terrestre, como ocurre en Namibia o el Kalahari en África, en el centro de Australia, en los desiertos del norte de México y sur de EEUU, en el Sahara, Arabia o en la India (Lumbreiras, 2010, p. 36).

Figura 1. Corrente de Humboldt.

Fonte: <https://noticiasconcursos.com.br/entenda-a-corrente-de-humboldt/>

Em síntese, podemos compreender que a corrente de Humboldt e os ENSO's operam como forças antagonistas e complementares: enquanto a primeira estabiliza um ecossistema único e condiciona modos de vida tradicionais, o segundo introduz variabilidade e transformação.

Essas mudanças afetam tanto os ecossistemas quanto a disponibilidade de recursos, exigindo que as comunidades locais se adaptem e desenvolvam estratégias de resiliência que incorporem em sua cultura mecanismos para lidar com a variabilidade climática. A compreensão dessas interações torna-se fundamental para entendermos a formação da fisiografia, a dinâmica dos ecossistemas e o desenvolvimento histórico e cultural das sociedades peruanas (Fagundes *et al.*, 2019, 2020).

Assim sendo, as características geográficas e ambientais regionais – os vales e os rios, as serras, a costa, o deserto e, quiçá, os *Niños* –, conjugam-se com as diferentes formas de entendimento de como a vida se estabelece, onde há um empoderamento dos lugares como meio, inclusive, de explicações viáveis para as dádivas e tragédias, continuidades e rupturas, que constituem viver nos Andes Centrais (Fagundes *et al.*, 2020, p. 42).

3. Primeiros povoadores

Dentro deste contexto geográfico e ambiental, o povoamento do Peru ocorreu gradualmente durante a expansão dos seres humanos pelo continente Americano ao longo do Pleistoceno, período em que a

Cordilheira dos Andes era bem diferente do que é hoje e estava em transformação. As montanhas possuíam muito mais neve, o gelo, em maior quantidade, retinha mais água, tornando o nível dos oceanos cerca de 100 metros mais baixo, os vales interandinos eram mais baixos e a fauna bem diferente (Moseley, 2001).

O derretimento das geleiras alterou os padrões de precipitação e a disponibilidade de água doce, o que pode ter impactado a vegetação e, consequentemente, a disponibilidade de recursos alimentares. Estes fatores afetaram diretamente a megafauna, que demandava um tipo de vegetação já incapaz de suprir suas necessidades energéticas devido às alterações climáticas que estavam ocorrendo.

Uma grande metamorfose ocorreu entre 15.000 e 5.000 anos atrás, quando as geleiras derreteram, o nível dos oceanos subiu, os habitats bióticos migraram para cima e as correntes marinhas e meteorológicas mudaram para sua configuração moderna (Moseley, 2001, p. 87) [tradução nossa]⁵.

Essas mudanças permitiram que seres vivos migrassem para altitudes mais elevadas, expandindo e mudando a vegetação com o surgimento de novas áreas de pastagem e florestas, fato que favoreceu algumas espécies em detrimento de outras e levou a mudanças na composição da fauna para se adaptar às novas condições climáticas.

Influenciadas por essas condições ambientais em transformação, os grupos humanos também enfrentaram oportunidades e restrições que exigiram adaptações constantes nas formas de vivência. Essa relação dinâmica entre as pessoas e a fisiografia transformou culturas e favoreceu a criação de diferentes ferramentas especializadas, as tecnologias líticas, elaboradas de acordo com as necessidades locais que variavam conforme os recursos naturais disponíveis e as soluções necessárias para superar os desafios impostos.

Essa especialização tecnológica refletia não só o acúmulo de conhecimento sobre o ambiente em que viviam, mas também a diferenciação cultural, onde cada grupo desenvolvia práticas, crenças e valores distintos baseados nas interações com as diversas paisagens (Fagundes et al., 2020; Lumbreiras, 2010; Maggard, 2011).

A colonização e o subsequente assentamento humano de novas zonas ambientais promoveram um desenvolvimento simultâneo na diversidade da mobilidade, da subsistência e nas

⁵A great metamorphosis then transpired between 15,000 and 5,000 years ago as glaciers melted, ocean levels rose, biotic habitats migrated upward, and marine and meteorological currents shifted into their modern configuration (Moseley, 2001, p. 87).

estratégias tecnológicas escolhidas por estas primeiras populações (Maggard, 2011, p. 121) [tradução nossa]⁶.

Os registros mais antigos destes primeiros povoadores datam do final Pleistoceno e início do Holoceno. Estes primeiros registros, embora ainda gerem discussão, estão datados entre 21 mil anos antes de nossa era pelo pesquisador Richard S. MacNeish (Lumbreras, 2010) com a identificação de um primeiro período de ocupação da caverna de Piquimachay, localizada no estado de Ayacucho, Peru, e denominada fase *Pacaicasa*, onde foram encontrados instrumentos para preparação de alimentos e para tratamento de pele de animais associados a preguiças gigantes, cavalos e outros animais já extintos; e 12 mil anos atrás, com vestígios da Tradição Paiján, uma cultura litorânea caracterizada principalmente por suas pontas de projéteis longas e finas em forma de nariz de agulha, com cerca de 10 cm de comprimento e que, devido às suas características e fragilidade, provavelmente não eram utilizadas para a caça de grandes animais devido à pele grossa, mas para a pesca (Moseley, 2001).

Apesar de estas datações não serem unanimidade entre os pesquisadores, têm-se por certo que já havia seres humanos na região dos Andes entre 14 e 12 mil anos antes de nossa Era e que eles conviveram com a fauna pleistocênica que, neste período, já estava em fase de extinção devido a mudanças climáticas e, talvez, à caça recorrente.

Este processo deve ter durado cerca de três mil anos, o que significa que por volta de 11.000 a.C., iniciou-se um período de aumento da temperatura média em todo o território que atingiu os seus limites máximos entre 6.000 e 3.000 a.C., época com perfis paisagísticos semelhantes aos de hoje (Lumbreras, 2010, p. 45) [tradução nossa]⁷.

Já a região litorânea, devido à influência da corrente fria de Humboldt, apresenta um ambiente semidesértico, enquanto propicia uma grande disponibilidade de vida marinha para os ocupantes desta região, tornando os caçadores-coletores especializados na manufatura de instrumentos voltados para a caça de animais marinhos e a pesca de peixes e crustáceos.

⁶La colonización y el consiguiente asentamiento humano de nuevas zonas ambientales impulsaron un desarrollo simultáneo en la diversidad de la movilidad, la subsistencia y en las estrategias tecnológicas elegidas por estas poblaciones tempranas (Maggard, 2011, p. 121).

⁷Este proceso debió durar unos tres mil años, lo que quiere decir que hacia el 11000 a.C., se inició un período de aumento de la temperatura promedio en todo el territorio que llegó a sus límites más altos entre el 6000 y el 3000 a.C., época con perfiles paisajísticos semejantes a los de hoy (Lumbreras, 2010, p. 45).

Isto não exclui que caçassem e comiam outros animais terrestres, como roedores ou lagartos; e, claro, que aproveitassem as plantas que cresciam perto dos cursos de água, incluindo alfarrobeiras, juncos e algumas árvores de fruto autóctones. É também previsível que as suas bandas fossem mais numerosas e povoadas, tendo em conta que a fauna marinha era, como é, generosa junto às praias e falésias (Lumbreras, 2010, p. 49 [tradução nossa])⁸.

Aspecto importante na dinâmica dessas ocupações foi a relação entre os grupos humanos e os rios que desaguam no Pacífico, como os rios Reque, Zaña e Chicama, dentre outros. Esses rios, que correm da Cordilheira dos Andes até o litoral, exercearam grande influência na ocupação humana ao moldarem a paisagem, a disponibilidade de recursos e os padrões de assentamento, criando zonas de maior fertilidade ao longo de suas margens e proporcionando um ambiente mais favorável à vegetação e à caça de animais terrestres.

Os humanos são limitados pelo ambiente hiper árido do deserto peruano, que ocuparam durante a época do Holoceno. Os habitats passíveis de ocupação humana limitam-se aos oásis ribeirinhos e à zona costeira de alta produtividade. A dramática evolução cultural e tecnológica coincidiu com a evolução da paisagem que respondeu à variabilidade climática e do nível do mar (Wells e Noller, 1999, p. 755) [tradução nossa]⁹.

A presença desses rios possibilitou uma ligação entre as áreas desérticas e as regiões mais verdes de planície, com os diversos grupos humanos utilizando essas áreas ricas em recursos para complementar sua dieta com a prática tanto da coleta de recursos marinhos quanto da caça de fauna terrestre. Além disso, as margens dos rios serviram como locais estratégicos para o estabelecimento de assentamentos, devido à sua proximidade com recursos hídricos essenciais para a sobrevivência.

4. A ocupação do Peru

A partir de 10 mil anos atrás as zonas andinas já estavam ocupadas por populações humanas (Kaulice, 2010b; Lumbreras, 2010; Maggard, 2011). Os Andes apresentaram a estes povoadores

⁸ Eso no descarta que cazaran y comieran otros animales terrestres, tales como roedores o lagartijas; y, desde luego, que aprovechasesen las plantas que crecían cerca de los cursos de agua, incluidos los algarrobos, juncos y ciertos frutales nativos. También es previsible que sus bandas fuesen más numerosas y pobladas, teniendo en cuenta que la fauna marina era, como es, generosa cerca de las playas y acantilados (Lumbreras, 2010, p. 49).

⁹ Humans are constrained by the hyperarid environment of the Peruvian Desert, which they have occupied through out the Holocene Epoch. Habitats amenable to human occupation are limited to the riparian oases and the high-productivity coastal zone. Dramatic cultural and technological evolution was coincident with landscape evolution that responded to climatic and sea level variability (Wells e Noller, 1999, p. 755).

condições adversas, fazendo com que se adaptassem através de modos de vida distintos nas terras baixas florestadas, na alta Cordilheira e na árida costa, o que implicou em especializações associadas aos diferentes tipos de conjuntos de ferramentas líticas, conhecidas como “tradições” (Moseley, 2001).

A distância relativamente curta entre estes pisos, que propiciava o acesso a diferentes fontes de recursos naturais (Lumbreras, 2010) e segundo Brush (1982, apud EIDT, 1968), “*a taxa de variação de temperatura é de aproximadamente 6°C para cada 1.000 m de elevação*”. Assim, áreas relativamente próximas em distância horizontal exibiam contrastes ambientais marcantes apenas em função do desnível topográfico e, à medida que usavam o que fosse necessário para a sobrevivência, identificavam os recursos disponíveis nas regiões que ocupavam, buscavam as formas para aproveitá-los e transmitiam os conhecimentos e informações adquiridos para as próximas gerações, possibilitando aos caçadores-coletores um processo de acúmulo e difusão progressivo do conhecimento.

Se adaptavam às novas realidades combinando, misturando e criando objetos com significados que não existiam naturalmente, adaptando a natureza às suas necessidades e não mais apenas se adaptando ao ambiente. Este processo de acúmulo de conhecimento, somado à necessidade de adaptação, gerava novos comportamentos humanos que trouxeram consequências concretas na forma como se organizavam e faziam uso do ambiente.

(...) o contato com esses pisos ecológicos, além de permitir que grupos pudessem realizar interações de distintas naturezas (fisiográficas/ topográficas, climáticas e biológicas), houve a possibilidade de um entendimento da diversidade como fundamental para a compreensão e organização de suas paisagens (Fagundes *et al.*, 2020, p. 26).

Destas interações, cada forma de organização social iniciou um processo de domínio sobre o ambiente diferente daquele desenvolvido por seu vizinho, criando condições para que culturas distintas se desenvolvessem em diferentes territórios.

A costa norte peruana, caracterizada por um território semidesértico, com chuvas escassas que se estende por uma estreita faixa entre a cordilheira dos Andes e o oceano Pacífico, entrecortada por rios oriundos das terras mais altas, poderia parecer um ambiente inóspito para a vida humana. Contudo, a corrente de Humboldt, apesar de contribuir para essa aridez da região, cria uma das zonas pesqueiras mais ricas do mundo, proporcionando uma abundância de recursos marinhos (Fagundes *et al.*, 2020; Moseley, 2001). Ao mesmo tempo, o fenômeno *El Niño* pode trazer chuvas torrenciais para a região,

transformando drasticamente o ambiente e influenciando os sistemas de subsistência das comunidades costeiras.

Convivendo com estas nuances, as comunidades da costa norte peruana acumularam um profundo conhecimento sobre o mar, o deserto e o clima, tornando-se aptos a explorarem a abundante vida marinha sustentada pela corrente de Humbolt, a enfrentarem as drásticas mudanças ocasionadas pelo *El Niño* e a aproveitarem as formações vegetais sazonais do deserto conhecidas como ‘*lomas*’ “[...] que durante o inverno (maio-setembro) se cobrem de plantas” (Lumbreras, 2010, p. 78) [tradução nossa]¹⁰, criando um oásis temporário que poderia fornecer plantas comestíveis, medicinais, materiais para construção de moradias e ferramentas e refúgio para animais diversos, também utilizados para alimentação.

Já os habitantes das regiões mais altas tinham como fonte principal de recursos os animais adaptados à vida nas estepes como os camelídeos andinos, vicuña e guanaco, por exemplo, e cervídeos de espécies variadas que, além de fonte de alimento, forneciam recursos como lã e couro.

Outros animais, como a *vizcacha* (*Lagidium peruvianus*), que é uma espécie de coelho com cauda semelhante à do esquilo, ou a perdiz (*Nothoprocta Ornata* e *Tinamotis Pentlandi*) e outros menores, também são importantes para os caçadores, mas em grande parte em menor grau que os camelídeos e cervídeos (Lumbreras, 2010, p. 57) [tradução nossa]¹¹.

Evidências encontradas no sítio de *Telarmachay*, localizado no distrito de San Pedro de Cajas, Peru, a 4.420 metros acima do nível do mar, apresentam sete fases de ocupação em que se pode analisar as preferências de seus ocupantes no consumo de camelídeos e cervídeos. Ao longo desses períodos percebe-se as mudanças nos hábitos de consumo de carne com os vestígios encontrados aumentando significativamente para os camelídeos, em detrimento dos cervídeos, e o surgimento de uma nova espécie entre 6000 e 3000 a.C., a alpaca, considerada um animal domesticado e produto de seleção humana. A partir do surgimento desta nova espécie podemos entender que havia um processo domesticação ou controle desses animais (Lumbreras, 2010)

A domesticação dos camelídeos apareceu como uma sequência “natural” do processo e não como uma decisão complexa e forçada. A vida dos caçadores não está sujeita a mudanças

¹⁰ “(...) que durante El invierno (mayo-setiembre) se cubren de plantas” (Lumbreras, 2010, p. 78).

¹¹ Los otros animales, como la vizcacha (*Lagidium peruvianus*), que es una suerte de conejo con cola parecida a la de una ardilla, o la perdiz (*Nothoprocta Ornata* y *Tinamotis Pentlandi*) y otros menores, son también importantes para los cazadores, pero en mucha menor medida que los camélidos y cérvidos (Lumbreras, 2010, p. 57).

“revolucionárias” nem muito menos traumáticas. Sua condição de pastores não excluía a manutenção de seus velhos costumes, nem exigia formas de organização muito diferentes das que você já tinha estabelecido (Lumbreras, 2010, p. 62) [tradução nossa]¹².

Ainda segundo Lumbreras (2010), na *Cueva del Guitarrero*, sítio arqueológico investigado por Thomas Lynch, próximo ao povoado de *Shupluy*, Peru, surgiram vestígios ligados à domesticação de plantas para consumo humano em período similar à domesticação dos camelídeos. Assim como para a domesticação de animais, indica não haver evidência de rompimentos sociais associados à domesticação de plantas. O cultivo foi se integrando à vida dos caçadores-coletores ao longo do tempo à medida que o ciclo reprodutivo foi compreendido e dominado, tornando as plantas dependentes da manipulação humana e passíveis de serem alteradas mediante seleção artificial.

A diversidade de recursos entre os pisos andinos como a costa, a serra e a selva, permitia o acesso a uma variedade de recursos naturais, possibilitando um intercâmbio entre as comunidades à medida em que frutos, plantas e animais eram levados pelos seres humanos enquanto se deslocavam. Plantas e frutos domesticados se difundiam ao longo de toda a Cordilheira dos Andes e o domínio sobre estes recursos se propagava da mesma maneira, acarretando novas modificações na forma como estas pessoas se organizavam.

As distâncias entre a ocorrência natural e o transplante humano eram frequentemente curtas. No entanto, na acidentada Cordilheira, as condições de vida mudam em distâncias muito curtas e os habitats podem variar dentro de algumas centenas de metros de altitude. Portanto, mover organismos e alterar sua localização injetou tanto a seleção humana quanto a seleção natural no processo de domesticação andina. É por isso que a Cordilheira abriga mais de 3.000 variedades genéticas de batatas (Moseley, 2001, p. 103) [tradução nossa]¹³.

Assim, proteger os animais, controlar sua reprodução, cuidar e cultivar plantas consolidou uma tendência sedentária e semi-sedentária nas populações andinas, alterando a relação dos agrupamentos humanos com territórios e com outros agrupamentos à medida que diferentes percepções do habitar e

¹² La domesticación de los camélidos apareció como una secuela “natural” del proceso y no como una decisión compleja ni forzada. La vida de los cazadores no estuvo sujeta a cambios “revolucionarios” ni mucho menos traumáticos. Su paso a la condición de pastores no excluyó el mantenimiento de sus viejas costumbres, ni demandó formas de organización muy diferentes a las que tenían ya establecidas (Lumbreras, 2010, p. 62).

¹³ Distances between natural occurrence and human transplant were often short. Yet in the rugged Cordillera living conditions change over very short distances and habitats can vary within a few hundred meters of elevation. Therefore, moving organisms and altering their placement injected both human selection and natural selection into the Andean domestication process. That is why the Cordillera is home to over 3,000 genetic varieties of potatoes (Moseley, 2001, p. 103).

sobre mundo. Os grupos humanos, antes nômades, então passaram a depender deste território para sua subsistência, levando a uma conexão mais profunda e duradoura.

(...) o manejo da paisagem abrange questões que extrapolam as condições adaptativas e de subsistência. Dessa forma, esse manejo estaria relacionado aos aspectos de ordem cognitiva, ao apego sentimental ao lugar, às escolhas/ estratégias, políticas, ideológicas ou ritualísticas, enfim faz parte de uma rede de significação. (Fagundes e Piuzana, 2010, p. 211)

Os vestígios dessas primeiras grupos assentados e/ou sedentários (apresentando marcas de domínio agrícola) já são identificados na região de *Lambayeque*, Peru, no terceiro milênio antes de Cristo, tendo registros de canais irrigação, domesticação de cultivares diversos e assentamentos humanos em diversos momentos (Arcuri, 2013; Fagundes et al., 2019; Fagundes e Arcuri, 2023b; Golte, 2015). Esta fixação dos grupos humanos permitiu o desenvolvimento de laços afetivos e simbólicos com a paisagem, associando lugares específicos como montanhas e rios a mitos, crenças e rituais, dando-os um caráter sagrado e tornando-os marcos fisiográficos, signos que reforçam a importância do local para a vida social e religiosa. Para Amico (2023),

Eram, então, lugares cujas características extraordinárias revelavam a presença divina; lugares cujo esplendor, força e beleza manifestavam, através de uma determinada narrativa, a presença de deuses e heróis míticos. Aparentemente, esta condição especial precedeu a construção da arquitetura sagrada; e a arquitetura, como forma de consagração do lugar, convocou a citada presença (Amico, 2023, p. 150) [tradução nossa]¹⁴.

A partir dessa relação com a paisagem, que se manifestava em práticas culturais e crenças, buscaram explicar fenômenos até então incompreensíveis através da construção de cosmovisões que davam sentido a esses eventos, influenciando a forma como percebiam o mundo, produziam cultura e interagiam nos variados contextos sociais (Fagundes e Arcuri, 2023b).

Segundo Arcuri (2019, p. 223b), as múltiplas interações entre sujeitos da esfera terrena e entidades de outros planos ou mundos (*pacchas*) ocorreriam por meio de agentes intermediários, práticas rituais ou atos contínuos que promovessem a reprodução sociocósmica. As práticas rituais, juntamente com os objetos gerados por elas, constituiriam um elemento central para entender essa dinâmica, pois

¹⁴ Eran, entonces, lugares cuyas características extraordinarias revelaban la presencia divina; lugares cuyo esplendor, fuerza y belleza manifestaban, mediante una determinada narrativa, la presencia de dioses y héroes míticos. Aparentemente, esta especial condición antecedía la erección de la arquitectura sacra; y la arquitectura, en cuanto forma de consagrar el lugar, convocabía la presencia mencionada (Amico, 2023, p. 150).

revelam as tensões e forças criativas presentes nas fronteiras entre diferentes dimensões - sejam físicas, temporais ou simbólicas - expressas frequentemente nos artefatos, na arquitetura e na paisagem. Nesse sentido, entende-se a cosmografia como uma prática ritual que intervém ou transforma a matéria, o corpo ou o ambiente, influenciando diretamente os ciclos sociocósmicos, caracterizados por rupturas e continuidades, seja na escala individual, social ou natural/cósmica.

E para dar forma e materializar essas crenças e cosmovisões, os templos foram erguidos como espaços sagrados com o papel importante de servirem como pontos de encontro entre esses diversos grupos humanos, o mundo material e o espiritual (Arcuri, 2019; Fagundes et al., 2020; Lumbrales, 2010). A arquitetura, a localização e os rituais realizados nesses espaços sagrados também indicavam a profunda conexão entre a paisagem, as crenças e os valores da sociedade com celebrações para divindades, para fertilidade da terra e para abundância das colheitas. De acordo com Rosario (2004, p. 71), “(...)a paisagem natural constituirá o elemento principal ou básico na construção dos centros ceremoniais” [tradução nossa]¹⁵.

Estes templos, ou *huacas*, denominados como arquitetura monumental civil-pública devido à imponência e escala, são grandes e visíveis na paisagem e refletem a importância das cosmovisões e representam a capacidade de mobilização de recursos e trabalho destas sociedades. Para Fagundes e Arcuri (2023b),

“[...] a arquitetura das *huacas* surgiu como um elemento ordenador (como aconteceria mais tarde com a cerâmica ritual ou *huacos*), o que era, em certa medida, um aspecto de interação com as forças que governavam a vida e o cosmos em escala local [...]” (Fagundes e Arcuri, 2023b, p. 733).

À medida que as sociedades se tornavam sedentárias, a agricultura se espalhava, se intensificava, novas tecnologias como a têxtil, cerâmica e a metalúrgica surgiam e transformavam profundamente as relações sociais. A cerâmica, em particular, desempenhou um papel central nesse processo de transformação (Donnan e Butters, 2007; Fagundes et al., 2020; Golte, 2015; Kaulice, 2010a; Moseley, 2001; Rosario, 2004).

Tendo se estabelecido provavelmente pelo contato e intercâmbio cultural com povos que já estavam familiarizados com esta tecnologia, visto que há registros de cerâmicas na região costeira do Equador por volta de 3000 a.C, ela se difundiu pelos Andes Centrais, entre 1800 e 1200 a.C. (Lumbrales, 2010),

¹⁵El paisaje natural va a constituirse como elemento principal o básico en la construcción de los centros ceremoniales

com as ideias e as técnicas de produção provavelmente se espalhando através de redes de contato e interações sociais em diferentes regiões dos Andes.

Além de ser essencial para o preparo e armazenamento de alimentos, a cerâmica, com o tempo, se tornou mais do que simples utensílio. Ela passou a ter significados simbólicos e a ser vista como objeto de identidade pessoal ou grupal; meio de expressão artística com diferentes formas, cores e decorações que poderiam apresentar figuras zoomorfas, antropomorfas e padrões geométricos e ser encontradas em contextos funerários e ritualísticos, evidenciando a importância simbólica desse material para essas sociedades (Kaulicke, 2010)

A cerâmica, portanto, não apenas revolucionou as práticas de armazenamento e preparo de alimentos, mas, segundo (Arcuri, 2011, 2019), se tornou um elemento central na cultura material, na expressão artística e na organização social dessas sociedades através da construção de narrativas e crenças que contribuíam para a consolidação de identidades coletivas e o desenvolvimento de tradições complexas. Era mais do que um simples utensílio, mas um elemento fundamental na construção da identidade cultural andina.

5. Os Moche

É dentro deste contexto dinâmico de transformações e adaptações ao longo de aproximadamente 20 milênios que surgem os Moche. Caracterizados por uma rica e diversificada produção cerâmica retratando temas políticos, religiosos e aspectos da vida social, os Moche existiram enquanto cultura entre os séculos I e IX de nossa era na costa norte do Peru e são considerados “(...) uma das primeiras sociedades complexas desenvolvidas na área central andina” (Santillana, 2010, p. 235). Além da cerâmica, destacaram-se também pela agricultura em larga escala, com avançadas técnicas de construção e manutenção de canais de irrigação, pela metalurgia, pela fabricação de têxtil e pela arquitetura monumental (Bawden, 1995; Butters, 2009; DeMarrais; Castillo e Earle, 1996; Donnan e Butters, 2007; Lévano, 2008, 2011, 2015; Tantaleán, 2016; Makowski, 2023; Fagundes e Arcuri, 2023).

A complexa estrutura social dos Moche permitia a mobilização de mão de obra para erguer grandes centros ceremoniais, o que reflete uma organização política e econômica sofisticada (Lévano, 2008, 2011, 2015). Suas origens estão ligadas ao dinâmico contexto andino, e especialmente ao grupo Virú-Gallinazo, em processos que envolveram tanto continuidades quanto transformações significativas através de adaptações e reorganizações sociais.

Cultura que floresceu durante o Período Intermediário Inicial na cronologia andina (200 a.C. e 600 d.C), os Virú-Gallinazo foram o resultado de diferentes paisagens sociais com influências e oportunidades ocorridas em momentos históricos sincrônicos (Bawden, 1995; Castillo, 2004; Makowski, 2023; Tantaleán, 2016) Contudo, para Butters (2009), é complexo definir os Virú-Gallinazo como sociedade a partir da assunção de que seus diversos núcleos populacionais não possuíam uma estrutura organizacional centralizada (Fig. 5 e 6)

Se existem semelhanças entre os artefatos que chamamos de Gallinazo ao longo de 400 km da paisagem costeira, desde o Vale de Piura ao norte até o Vale de Santa ao sul, é necessariamente porque existia alguma forma de conexão ou canais de comunicação entre os diferentes povos que habitavam essas regiões (...). Parece-me aceitável supor que essa conexão era o resultado de algum tipo de afinidade —algo comum e compartilhado por todos— que poderia ter um caráter político, econômico ou ideológico, mas que, de qualquer forma, foi articulada através de normas que harmonizavam a produção, muito provavelmente por meio de mecanismos de interação social, como trocas comerciais regionais e atividades ceremoniais, ou casamento exogâmico e trocas matrimoniais (Butters, 2009, p. 9) [tradução nossa]¹⁶.

¹⁶If there exist similarities between artifacts that we call Gallinazo over 400 km of coastal landscape, between the Piura Valley to the north to the Santa Valley to the south, it is necessarily because there existed some form of connection or channels of communication between the different people that inhabited these regions (...). It seems acceptable to me to assume that this connection was the result of some form of affinity —something common and shared by all— that could have had a political, economic or ideological character, but was, anyhow, articulated through norms that harmonized the production, most likely mechanisms of social interaction such as regional commercial exchanges and ceremonial activities or exogamous marriage and bridal exchanges (Butters, 2009, p. 9).

Figura 5. Cerâmica Gallinazo, estilo *castillo negativo*



Fonte: <https://lamaquipu.fr/article/54/la-ceramique-viru>.

Figura 6. Cerâmica *Gallinazo*, estilo *castillo decorado*



Fonte: <https://lamaquipu.fr/article/54/la-ceramique-viru>

Espinosa (2023) apresenta o termo *Virú* como uma palavra utilizada por autores como Rafael Larco Hoyle e J. F. Millaire para se referirem à cultura que se desenvolveu principalmente no vale de Virú e se caracteriza pelo estilo de cerâmica que utiliza a técnica de decoração negativa. Já o termo *Gallinazo*, definido por W. C. Bennett durante as escavações no Grupo *Gallinazo*, no vale de Virú, também engloba o estilo cerâmico definido com *Castillo Decorado* e, atualmente, a chamada tradição norte-costeira, estabelecida para a produção cerâmica doméstica com características similares utilizadas ao

longo da costa norte peruana. Assim, o termo *Gallinazo* materializa-se em artefatos que compartilham formas, elementos decorativos e técnicas com outros grupos.

A análise da transição entre as culturas *Gallinazo* e Moche no norte do Peru requer uma abordagem multidimensional que considere tanto os aspectos materiais quanto simbólicos das sociedades envolvidas. Nesse sentido, a cultura material, por conter ambos os aspectos, será nosso foco para compreender como essas sociedades se organizavam e se transformaram ao longo do tempo.

- **Cultura Material:** De acordo com Tantaleán (2016), a cultura material não deve ser entendida apenas como um reflexo passivo das estruturas sociais, mas como um elemento ativo nas relações dialéticas que moldam as estruturas sociais. Essa perspectiva é importante para o estudo da cerâmica Moche, que não apenas servia como utensílio cotidiano, mas, também, como meio de expressar ideologias políticas e religiosas;
- **Transições Culturais e Continuidade:** No contexto da transição entre *Gallinazo* e Moche, (Butters, 2009) propõe que a hibridização cultural foi o processo dominante, onde inovações tecnológicas e mudanças nas estruturas de poder não substituíram completamente as tradições anteriores, mas as adaptaram;
- **Poder, Paisagem e Controle Social:** O controle da paisagem era uma importante estratégia de dominação na cultura Moche. Para Fagundes e Arcuri (2023a), a paisagem é uma construção de longa duração que vai além de características fisiográficas, é a espacialidade e a materialidade onde ocorrem as práticas sociais e se vivencia o mundo através de interações historicamente estabelecidas. Para Quilter (2002), o poder na sociedade mochica estava intrinsecamente ligado à capacidade de gerir os recursos naturais, como os sistemas de irrigação e a produção agrícola. A paisagem é, portanto, tanto um recurso físico quanto simbólico que molda a experiência social e foi utilizada de acordo com os interesses Moche.

A homogeneidade estilística, particularmente evidente em cerâmicas domésticas, sugere a existência de mecanismos de interação social que promoveram a difusão e padronização de formas e desenhos. Entendemos que *Gallinazo* representa, assim, mais do que um estilo cerâmico, mas um fenômeno cultural complexo e dinâmico que moldou a paisagem sociopolítica da costa norte do Peru antes, durante e depois do surgimento dos Moche (Bawden, 1995; Donnan e Butters, 2007; Espinosa, 2023). A relação complexa e interligada em processos múltiplos de continuidade, transformação e coexistência podem ser identificadas, por exemplo, em áreas como:

- **Cultura material:** especialmente com a cerâmica utilitária, onde predominam formas e decorações simples, sugerindo que essa cerâmica era produzida por, e para, camadas mais

populares e que as práticas cotidianas e as necessidades domésticas das pessoas que produziam e utilizavam essas cerâmicas permaneceram inalteradas durante a transição entre essas culturas (DeMarrais; Castillo e Earle, 1996);

- **Técnicas Agrícolas e de Irrigação:** Os Moche herdaram e expandiram os sistemas de irrigação em larga escala originalmente desenvolvidos pelos Gallinazo. Essa continuidade sugere que a transição não representou uma ruptura abrupta, mas um desenvolvimento gradual a partir de uma base tecnológica e de conhecimento preexistente (Bawden, 1995; DeMarrais; Castillo e Earle, 1996);
- **Técnicas de produção têxtil:** com o domínio do algodão, puderam produzir, além de roupas, redes para pesca, prendas para ritualidade, incluindo fardos fumerários.
- **Arquitetura:** As plataformas de adobe (*huacas*), características de ambas as culturas, apresentam semelhanças significativas em termos de forma e técnica, como a técnica segmentar na construção de plataformas ou a concepção de centro ceremonial (Bawden, 1995) Essa continuidade arquitetônica sugere a existência de uma tradição construtiva compartilhada que demonstra aspectos de organização social e práticas de construção que superaram a diferenciação estilística e política entre Gallinazo e Moche;
- **Práticas Funerárias:** Diversos aspectos das práticas funerárias *Gallinazo*, como o posicionamento estendido dos corpos, a presença de ofertas de metal na boca dos mortos e a inclusão de bens funerários específicos também são encontrados em contextos Moche. Essas similaridades sugerem a persistência de crenças e rituais relacionados à morte e ancestralidade, reforçando a ideia de um substrato cultural comum (Bawden, 1995).

Como demonstrado, em vez de uma substituição abrupta através da conquista externa ou tomada de poder de uma classe sobre a outra, o surgimento Moche foi um processo profundo de hibridização e transformação gradual dentro da cultura Virú-Gallinazo. Inicialmente como uma nova classe social que manteve alguns elementos culturais enquanto, de maneira significativa, modificava outros em algo novo, sua ascensão pode estar ligada à disputa pelo controle dos sistemas de irrigação e expansão dessas infraestruturas agrícolas (Tantaleán, 2016), fator que aumentou a produção agrícola e desempenhou um papel fundamental na reorganização do poder e diferenciação social (DeMarrais; Castillo e Earle, 1996).

Essas obras de engenharia permitiram a irrigação de áreas antes consideradas impróprias para o cultivo, transformaram desertos em campos férteis e possibilitaram a diversificação e o aumento da produtividade agrícola (Lumbreras, 2010; Moseley, 2001; Rosario, 2004; Fagundes et al., 2020; Fagundes e

Arcuri, Márcia, 2023b). Isso viabilizou o cultivo de uma quantidade maior de alimentos e garantiu um excedente substancial de recursos, indo além da simples subsistência e possibilitando a acumulação de riqueza. Esse excedente, inexistente em tal escala anteriormente, foi crucial para a formação das novas dinâmicas de poder criadas pela elite emergente.

Os canais de irrigação maiores e mais avançados teriam produzido colheitas agrícolas mais abundantes e, consequentemente, oportunidades de enriquecimento pessoal. Uma nova e mais abastada elite teria se desenvolvido nesse ambiente, criando a oportunidade e a necessidade de diferenciação social, além de uma maior dependência de recursos produzidos culturalmente (Donnan e Butters, 2007, p. 8) [tradução nossa]¹⁷.

Essa nova elite, cujos membros controlavam o acesso às terras irrigadas e aos recursos hídricos, consolidou sua influência não apenas sobre a produção agrícola, mas, também, sobre a organização do trabalho e a distribuição dos recursos. O controle da água, em particular, conferia um poder estratégico, já que em uma região árida como a costa norte peruana, a capacidade de irrigar a terra significava não só a produção de alimentos, mas a definição de quem tinha acesso à vida. Ao administrar esses sistemas de irrigação, a elite mochica garantia o controle de uma força de trabalho organizada em torno da produção intensiva e dependente de sua liderança (Butters, 2009; DeMarrais; Castillo e Earle, 1996; Quilter, 2002; Fagundes e Arcuri, 2023b).

Assim, Fenômeno Moche, surgido do substrato *Gallinazo* entre os séculos I e II de nossa Era, expressaria essa dominação através da cultura material, ideologia e rituais que legitimavam seu poder (Butters, 2009) Neste processo, podemos entender a cerâmica como um importante identificador de continuidade cultural e instrumento de distinção social, refletindo as interações entre a elite emergente e os *Gallinazo*.

Enquanto a cerâmica de função utilitária apresenta grande semelhança e continuidade entre as duas tradições, a cerâmica de elite passa por uma transformação significativa, refletindo a busca por diferenciação social e a construção de uma identidade visual própria da elite Moche, mas, mesmo assim, ainda apresentando continuidades. Apenas a arte iconográfica da elite apresentará uma ruptura flagrante, com representações mais complexas substituindo as mais simples, de estilo *Gallinazo* (Bawden, 1995).

¹⁷ Los canales de irrigación más grandes y avanzados habrían producido mayores cosechas agrícolas y, en consecuencia, oportunidades de enriquecimiento personal. Una nueva y más acaudalada élite se habría desarrollado en este ambiente, creando la oportunidad y necesidad de diferenciación social además de una mayor dependencia en recursos producidos culturalmente (Donnan e Butters, 2007, p. 8).

A diferença entre os componentes cerâmicos Mochica e Gallinazo não é de ordem cronológica, nem étnica, mas, claramente, de ordem funcional. Como Mochica são classificadas as peças que formam a parafernália ritual do culto oficial. (...) Na categoria Gallinazo predominam as formas relacionadas com o consumo e a preparação de alimentos (Makowski, 2023, p. 131) [tradução nossa]¹⁸.

A transição entre as culturas Gallinazo e Moche foi um processo gradual que envolveu aspectos sociais, tecnológicos, cosmológicos e ideológicos, com a cultura *Gallinazo* servindo de base para o desenvolvimento Mochica. A continuidade e a diferenciação são especialmente evidentes na cultura material, onde as cerâmicas utilitárias de ambos os grupos, por exemplo, compartilham formas e técnicas semelhantes, o que sugere uma coesão cultural entre as camadas populares. Já a cerâmica associada à elite foi modificada para refletir a diferenciação social, consolidar o poder desse novo grupo e expressar sua cosmovisão, promovendo, assim, a coesão social em torno de uma identidade cultural compartilhada (Bawden, 1995)

Compreendemos, assim, que a ascensão Moche foi um processo de transformação gradual, de inovação e de adaptação dentro de um contexto de continuidade cultural ligada à ampliação dos sistemas de irrigação, ao controle dos recursos naturais e ao aumento dos excedentes produzidos.

06. Considerações finais

Este estudo investigou a ocupação humana na costa norte peruana analisando a interação entre os fatores geográficos, ambientais e culturais que moldaram as sociedades antes da invasão europeia. Adotamos uma abordagem interdisciplinar combinando análise geográfica, arqueológica e antropológica, com ênfase em fontes bibliográficas e dados materiais buscando compreender como a diversidade fisiográfica, a influência da corrente de Humboldt, os fenômenos climáticos dos ENSO's e a cosmovisão andina possibilitaram o surgimento e a coexistência de múltiplas culturas e tecnológicas adaptadas às condições ambientais específicas.

As pessoas que ocuparam áreas costeiras desenvolveram técnicas específicas para a pesca, demonstrando um profundo entendimento ecológico e técnico dos recursos marítimos locais, enquanto aquelas que ocuparam as regiões mais elevadas dos Andes focaram-se em estratégias de caça e manejo de camelídeos e na domesticação de plantas. Esses processos contribuíram para a sedentarização

¹⁸La diferencia entre los componentes cerámicos Mochica y Gallinazo no es del orden cronológico, ni étnico, sino, claramente, de orden funcional. Como Mochica se clasifican las piezas que forman la parafernalia ritual del culto oficial. (...) En la categoría Gallinazo predominan las formas relacionadas con el consumo y preparación de alimentos.

progressiva como também favoreceram o desenvolvimento e propagação de conhecimentos técnicos como a cerâmica, a tecelagem e os sistemas de irrigação, redefinindo as relações sociais entre os grupos que habitavam os distintos pisos andinos. Tais interações levaram ao intercâmbio de saberes, materiais e crenças que seriam a base para as posteriores complexidades sociais observadas.

Assim, entendemos que a sociedade Moche deve ser interpretada como uma expressão de continuidade não apenas das tecnologias e do conhecimento acumulado pelas culturas anteriores, mas também dos vínculos sociopolíticos construídos em processos de interação e hibridização. Entendemos que os Moche não podem ser vistos como uma ruptura, mas como o desdobramento de tradições associadas à compreensão do ambiente costeiro andino, à capacidade de mobilizar mão de obra para a construção de amplos sistemas de irrigação e à criação de narrativas simbólicas que reafirmam e legitimam o poder de um determinado grupo. Dessa forma, o fenômeno Moche surge como fruto de práticas sociais e conhecimentos ancestrais ao mesmo tempo em que inaugura uma nova dinâmica de poder e identidade cultural na costa norte do Peru.

Referências¹⁹

Amico, J. C. (2023). *Paisaje y el territorio en el Perú*. 1. ed. Lima: Pontifícia Universidad Católica del Perú.

Arcuri, M. (2011). *El Occidente no vio el Sol nocturno: el papel de la dualidad complementaria de las fuerzas cósmicas en la organización política de las jefaturas amerindias*. ROJAS, B. A.; LINARES, F. N. (Eds.). *Los pueblos amerindios más allá del Estado*. Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas. p. 17–47. México.

Arcuri, M. (2013) *Paisaje y monumentalidad en Ventarrón*. MENESES, I. A. (Ed.). *Ventarrón y Collud/Origen y auge de la Civilización en la Costa Norte del Perú*. 1. Ministerio de Cultura del Perú. Lima.

¹⁹ Para auxiliar na análise dos documentos, foi utilizada a ferramenta NotebookLM do Google.

Arcuri, M. (2019) Cosmografias ameríndias: a arte e ‘ato de animar’. SAVKIĆ, S.; BAADER, H. (Eds.). **Culturas visuales indígenas y las prácticas estéticas en las Américas desde la antigüedad hasta el presente**, 13, p. 217–239. Ibero-Amerikanisches Institut / Gebr. Mann Verlag. Berlim.

Bawden, G. (1995) The Structural Paradox: Moche Culture as Political Ideology. **Latin American Antiquity**, 6(3), p.255-273.

Borsdorf, A.; Stadel, C. (2015) Introduction. BORSDORF, A.; STADEL, C. (Eds.). **The Andes: A Geographical Portrait**. Cham: **Springer International Publishing**. p. 1.30.

Brush, S. B. (1982) The Natural and Human Environment of the Central Andes. **Mountain Research and Development**, 2(1), p. 19.

Butters, L. J. C. (2009) Gallinazo, Vicús, and Moche in the development of complex societies along the north coast of Peru. MILLAIRE, J.-F.; MORLION, M. (Eds.). **Gallinazo: An Early Cultural Tradition on the Peruvian North Coast**. [s.l.] **Cotsen Institute of Archaeology Press**. p. 223–232.

Caramanica, A.; Huaman Mesia, L.; Morales, C. R.; Huckleberry, G.; Castillo B., L. J.; Quilter, J. (2020) El Niño resilience farming on the north coast of Peru. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, 117(39), p.24127-24137.

Castillo, S. U. (2004) La Cultura Moche a Manera de Introducción. ALVAREZ, L. V. (Ed.). **Desarrollo Arqueológico Costa Norte del Perú**. Ediciones SIAN, 1, p.147-158. Trujillo.

Chaca, J. J. B.; Fernández, H. S. V. (2016) Clasificación de las regiones naturales del Perú. **BOLETÍN DEL COLEGIO DE GEÓGRAFOS DEL PERÚ**, 3, p.166-177.

De Marrais, E.; Castillo, L. J.; Earle, T. (1996) Ideology, Materialization, and Power Strategies. **Current Anthropology**, 37(1), p.15-31.

Donnan, C. B.; Butters, L. J. C. (2007). Los Mochicas de la Costa Norte del Perú. **Handbook of South American Archaeology**. Lima.

Espinosa, A. (2023). Filiaciones culturales y contactos entre las poblaciones Virú-Gallinazo y Mochica (200 AC – 600 DC, costa norte del Perú). Archaeopress Access Archaeology.

Fagundes, M.; Arcuri, M. (2023a). Paisagem cíclica, lugares de retorno: um estudo de resiliência cultural em Cerro Ventarrón, Lambayeque, Peru. **Revista de Arqueología**, 36(1), p.225-244.

Fagundes, M.; Arcuri, M. (2023b). Cerro Ventarrón – Archaeology, geography, cosmology, and cultural landscapes during the Initial Formative Period in Central Andes, Lambayeque Valley, Peru. **Caderno de Geografia**, 33(74), p.729-758.

Fagundes, M.; Arcuri, M.; Gontijo, B. M.; Vasconcelos, A. M. C.; Bueno, F. B. B.; Mafra, L. F. R. de O. (2019). As estruturas arqueológicas em Cerro Ventarrón – marcos sociogeográficos, lugares e paisagem durante o Formativo Inicial, Lambayeque, Peru.

Fagundes, M.; Gontijo, B. M.; Arcuri, M.; Meneses, I. A.; Vasconcelos, A. M. DE C.; Bueno, F. B. (2020). Marcos sociogeográficos e arqueologia de Ventarrón-Collud: fisiografia, lugares persistentes e paisagem para compreensão das ocupações humanas na costa norte peruana. **Revista GeoUECE**, 9(17), p. 24-48.

Fagundes, M.; Piuzana, D. (2010). Estudo teórico sobre o uso conceito de paisagem em pesquisas arqueológicas. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, 8(1), p.205-220.

Golte, J. (2015). MOCHE Cosmología y sociedad una interpretación iconográfica, 2. IEP Instituto de Estudios Peruanos. Lima.

Kaulice, P. (2010a). Las Cronologías del Formativo 50 años de investigaciones japonesas en perspectiva. Fondo Editorial PUCP. Lima.

Kaulicke, P. (2010b). La Economía en el Período Formativo. CONTRERAS, C. (Ed.). Compendio de historia económica del PerúI: **Economía prehispánica**,1, p.137-230. IEP Instituto de Estudios Peruanos. Lima.

Lévano, E. B. (2008). Secuencia cultural en los sectores II y III del Complejo Arqueológico Sipán: Caracterización e Importancia. Universidad Nacional de Trujillo. Trujillo.

Lévano, E. B. (2011). La Tumba 21: Un contexto funerario del Horizonte Medio en Huaca Santa Rosa de Pucalá, Valle de Lambayeque. XVII Congreso Peruano del Hombre y la Cultura Andina y Amazónica “Alfredo Torero Fernández de Córdova”.

Lévano, E. B. (2015). HUACA SANTA ROSA DE PUCALÁ y la organización territorial del Valle de Lambayeque. 1. Chiclayo.

Lumbreras, L. G. (2010). Los orígenes de la sociedad andina. CONTRERAS, C. (Ed.). Compendio de historia económica del Perú I: Economía prehispánica, 2. 1, p.23-136. IEP Instituto de Estudios Peruanos. Lima.

Maggard, G. J. (2011). Las ocupaciones humanas del Pleistoceno Final y el Holoceno Temprano en la costa norte del Perú. **Boletín de Arqueología PUCP**, 15, p.121-143.

Makowski, K. (2023). Cultura material, etnidad y la doctrina política del estado en los Andes prehispánicos: el caso mochica. **Actas del IV Congreso Internacional de EtnoHistoria. Pontificia Universidad Católica del Perú**, 1, p. 125-147.

Moseley, M. E. (2001). The Incas and Their Ancestors: The Archaeology of Peru. Thames and Hudson.

Penland, C.; Sun, D.-Z.; Capotondi, A.; Vimont, D. J. (2010). A Brief Introduction to El Niño and La Niña. Climate Dynamics: Why Does Climate Vary? Geophysical Monograph Series. p.53-64.

Quilter, J. (2002). Moche Politics, Religion, and Warfare. **Journal of World Prehistory**, 16, (2), p.145-195.

Rosario, J. B. (2004) El Formativo en la costa norte del Perú. ALVAREZ, L. V. (Ed.). Desarrollo Arqueológico Costa Norte del Perú. Trujillo: Ediciones SIAN. 1, p.67-78.

Rundel, P. W.; Dillon, M. O.; Palma, B.; Mooney, H. A.; Gulmon, S. L.; Ehleringer, J. R. (1991) The Phytogeography and Ecology of the Coastal Atacama and Peruvian Deserts. **Aliso**, 13(1), p.1-49.

Santillana, J. I. (2010) Economía PreHispánica en el Área Andina (Período Intermedio Temprano, Horizonte Medio y Período Intermedio Tardío. CONTRERAS, C. (Ed.). Compendio de historia económica del Perú I: Economía prehispánica. 2. 1, p.231-314. IEP Instituto de Estudios Peruanos. Lima.

Tantaleán, H. (2016) Hacia una arqueología dialéctica: una heurística y una explicación del fenómeno Moche. **Revista Chilena de Antropología**, 31, p.63-80.

Vidal, J. P. (2014) Las ocho regiones naturales del Perú. **Terra Brasilis**, 3.

Wells, L. E.; Noller, J. S. (1999) Holocene coevolution of the physical landscape and human settlement in northern coastal Peru. **Geoarchaeology**, 14(8), p.755-789.